

CORPO como LUGAR e ARQUIVO da EXPERIÊNCIA
BODY as PLACE and ARCHIVE of EXPERIENCE

Judivânia Maria Nunes Rodrigues¹

Resumo

A partir da experiência, a minha própria, como praticante da manifestação artística-cultural da Capoeira Angola, pesquiso sobre esse corpo que ginga, que carrega uma gestualidade, que agora se constitui também como parte do meu corpo. A partir da ideia de arquivo corporal do geógrafo Chaveiro, na intersecção com o pensamento do historiador Castro Júnior, do filósofo Eduardo Oliveira e do antropólogo Tavares, os quais abordam a questão de um arquivo gestual como memória da Diáspora Africana, busco fomentar a discussão da gestualidade que se apresenta na capoeira como referência a uma espacialidade, um lugar do mundo. As experiências e visão de mundo do povo negro, que foi vítima de um rapto brutal que os trouxe para o Brasil, onde marcaram a nossa cultura com os seus corpos, a linguagem do corpo, apresentando uma filosofia outra, não ocidental, que pensa o mundo de “pernas para o ar”.

Palavras-chave: Corpo. Lugar. Arquivo. Experiência. Capoeira Angola.

Abstract

From the experience, my own, as a practitioner of the artistic-cultural manifestation of Capoeira Angola, I have researched about this body that ginga, which carries a gesture, which now also constitutes as part of my body. Based on the idea of the corporal archives of the geographer Chaveiro, at the intersection with the thought of the historian Castro Júnior, of the philosopher Eduardo de Oliveira and the anthropologist Tavares, who address the question of a sign file as a memory of the African Diaspora, I seek to foment the discussion of the gestuality presented in the capoeira like reference to a spatiality, a place of the world. The experiences and worldview of the black people, who were victims of a brutal kidnapping that brought them to Brazil, where they marked our culture with their bodies, the language of the body, presenting a different, non-Western philosophy, who thinks the world “upside down”.

Keywords: Body. Place. Archive. Experience. Capoeira Angola.

INTRODUÇÃO

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná. Bolsista CAPES. rodrigues.vania@gmail.com.
✉ Rua Alferes Ângelo Sampaio, 1715, apto 15, Batel, Curitiba, PR. 80420-160.

A experiência de praticar a Capoeira Angola por mais de vinte anos me conduziu a pensar sobre a questão do corpo e da gestualidade, elementos de destaque na prática dessa manifestação artística e cultural, que agora se faz presente no meu próprio corpo, como parte deste. Penso sobre o que nos diz esse corpo a partir dessa gestualidade e qual a relação do corpo com a cultura. Guardamos, arquivamos nossas experiências nos corpos? Qual o lugar desse corpo? São questões que me instigam a refletir e buscar, por meio da pesquisa, a expressividade presente nesse corpo que ginga, que conta a partir da história e das memórias, sobre um lugar do mundo que hoje se faz presente em muitos outros lugares por meio da Diáspora Africana.

Sobre lugar, iremos pensá-lo a partir da intrínseca relação corpo/lugar. O corpo como passagem para o vivido/sentido que nos deixa presente o rastro, a ancestralidade, a história, que nele, e partir dele se movimenta, unindo passado e presente e quiçá, buscando um futuro que outrora foi submetido ao silêncio da escravidão, mas que, sem palavras, a partir dos corpos, falou mais alto, ecoando no mundo. Um corpo/lugar negro, carregado de sentido, que no Brasil (re) criou e recria nossa cultura afro-brasileira a cada dia nos lugares mais distantes, nas matas, nas periferias, nos “becos”, nas ruas das cidades, nos escombros da escravidão.

O povo negro que aqui chegou após um rapto brutal¹ foi destituído pelos colonizadores de alma, de humanidade, na tentativa de negar e apagar suas memórias, suas histórias e suas culturas. Um povo com fazeres e saberes, com uma forma particular de ver, sentir e pensar o mundo, que hoje se materializa, de forma também imaterial, na nossa cultura afro-brasileira. Colocar esse pensamento, essa forma de entender o mundo é necessário no presente, para que se possa almejar a desconstrução de um pensamento colonizador que busca afirmar uma única forma de se pensar e entender o mundo, oprimindo

existências, saberes, valores e crenças que fazem parte da diversidade cultural.

Pensar o mundo a partir daqueles que foram destituídos do direito de expor suas formas de entendimento do mundo, suas visões de mundo, e porque não dizer de “filosofar seus mundos”. A construção de um pensamento filosófico que se constrói na cozinha, no terreiro, na labuta do dia a dia, no chão que pisamos e que nos sustenta, nos desequilíbrios e tentativas de nos equilibrarmos assim como o corpo que ginga, dança, luta e brinca na capoeira, e que nessa eterna tentativa de equilíbrio inverte as posturas padronizadas e pensa o mundo de “pernas para o ar”. Como nos diz um dos estudiosos sobre o assunto, “capoeira não é uma disciplina esportiva, e sim uma arte mandingueira do corpo – em suma, um jogo em que passado, presente e futuro podem pôr-se juntos num movimento ou num repente” (SODRÉ, 2002, p.87). Nessa perspectiva, vamos refletir e pensar sobre o corpo/capoeira, o corpo da cultura afro-brasileira, a partir da ginga, da gestualidade, da beleza plástica, da criação artística, da força e da leveza, combinação rara que se mostra nesses corpos e que representam uma profunda e ancestral relação com um lugar do mundo.

QUAL O LUGAR DO CORPO?

“O Corpo é o lugar privilegiado do entre-lugar, pois é ele que habita o entre-lugar em qualquer lugar que se esteja.”

Eduardo Olivera (2006)

Quando interrogo sobre o lugar do corpo, questiono as diferentes formas de existência que compõem os espaços que ocupamos no mundo, os lugares, que se constroem e reconstroem de forma objetiva e subjetiva a partir dessa relação que estreita os laços entre corpo e lugar, nos fazendo ser um corpo-lugar, impregnado de experiências

CORPO como LUGAR e ARQUIVO da EXPERIÊNCIA
Judivânia Maria Nunes Rodrigues

vividas. A busca de uma grande parte da população mundial por deslocamento, por conhecer e desbravar novas terras sempre existiu na história da humanidade, de diferentes formas e por diferentes razões. Na contemporaneidade, com o desenvolvimento dos meios de transporte, vivemos um momento de intenso deslocamento, que nos leva e traz para os mais distantes e variados lugares do mundo. O lugar desse corpo que se desloca são as novas terras que pisam ou o lugar está presente no nosso próprio corpo, nos apresentando um corpo-lugar, que nessa nova espacialidade se reinventa buscando (re) existir e resistir?

Os questionamentos apontados fazem parte da investigação que tem sido desenvolvida a partir das pesquisas que realizei sobre o corpo-capoeira, o corpo negro que ginga, que se movimenta de forma peculiar nas mais diversas manifestações culturais afro-brasileiras, e aqui em específico, na Capoeira Angola. A experiência com essa prática foi o que me conduziu a essa investigação. Foi o sentir e experimentar no corpo esse jogo que me fez questionar qual é o lugar desse corpo africano no Brasil e na criação da Capoeira Angola. Assim como, foi essa movimentação/gestualidade que me fez adentrar no universo da capoeira, me despertando o interesse em saber/sentir o que sente os corpos ao praticar tais movimentos. Essa experiência, que já perdura por mais de 20 anos, foi o que me fez descobrir e sentir na pele o prazer da brincadeira, do lúdico da capoeira, mas também, as camadas profundas de história, luta, memória e ancestralidade que ali se encontram imersos na corporeidade.

O rapto brutal que deslocou milhares de africanos para o Brasil, na condição de escravo, tornou-se um fardo para o nosso corpo/espírito social. Quando me refiro ao corpo, sempre penso no uno que conecta corpo/espírito. “Se há um sensível e um inteligível, um cérebro e um espírito, estão todos integrados em uma mesma realidade” (FREIRE,

1991, p. 26). Nesta perspectiva, penso que é possível fazer a analogia com um corpo maior que nos constitui enquanto sociedade. A escravidão produziu mazelas para a nossa sociedade que hoje todos nós carregamos enquanto um pesado fardo resultante desse tenebroso processo. Para os africanos que aqui chegaram,

interditava-se o acesso ao seu mundo cotidiano, com seus familiares, com seus afazeres, com o seu hábito de cheirar, sentir, ouvir, ver e falar com as coisas e pessoas que lhes estavam próximas. Interditava-se o acesso ao próprio corpo, ficando obrigado a comportar-se de determinadas maneiras e a atuar no cotidiano inventado pelo colonizador, a partir do código e da língua do próprio colonizador (TAVARES, 2012, p. 75).

Mesmo diante de uma situação tão opressora e desumana, o negro desenvolveu estratégias para que o corpo pudesse sentir o seu lugar através da sua memória corporal e espiritual, entendendo o espírito como parte do corporal e também como sagrado, com subjetividades e objetividades que se materializaram a partir das suas criações, dentre elas a capoeira. “O corpo é mais que memória. Ele é uma trajetória. Uma anterioridade. Uma ancestralidade” (OLIVEIRA, 2007, p. 104). A ancestralidade como condutora das criações que mantém um lugar no próprio corpo.

“O corpo é chão! Esta é uma definição provisória e definitiva do corpo. [...] O corpo é o chão da gente. Do barro do corpo ao corpo da carne. A carne é o barro do corpo” (OLIVEIRA, 2007, p. 97). Com essa afirmação, que está calcada numa filosofia que o autor denomina como filosofia da ancestralidade, expõe a questão do corpo como nosso suporte, como nosso elo com o que vivemos, sentimos e pensamos dentro de uma determinada espacialidade que nos influencia e é influenciada por nós. Essa intrínseca relação entre corpo e lugar é o que faz com que um seja imanente ao outro. “Matéria sensível e vibratória, o corpo é o que é mais singular e é o que é mais universal. É nome e terra” (CHAVEIRO, 2014, p. 253).

Chaveiro (2014) apresenta a ideia de arquivo corporal, a qual pode ser relacionada com a linha de raciocínio aqui desenvolvida sobre a relação entre corpo e lugar, quando diz que: “Essa memória-arquivo ou esse arquivo-vivo-memória aglutina cultura e genética, coaduna imaginários, desejos e carne, justapõe dor, superação e afetos” (CHAVEIRO, 2014, p. 252). O pensamento nos faz refletir a partir de atos corriqueiros, como comer, brincar, trabalhar, que nos relacionamos com a nossa espacialidade de forma que está se encontra em nós, nos corpos, e o autor nos apresenta um belo termo para o corpo, guardador de lugares.

Os contatos com o mundo pela via da alimentação, da moradia, do trabalho, das ligações simbólicas com a educação e com o afeto dos pais, do desenvolvimento da sexualidade, das experiências de contato, dos perigos causados pelas brincadeiras e do lazer, dos sentimentos interditados ou os expressos e repulsados, demonstram que o corpo é, de fato, um guardador de lugares (CHAVEIRO, 2014, p. 253).

Além dessa forte ligação que é palpável, a partir de nossas ações cotidianas, existe também o que o autor chama de lugares subjetivos. Sobre a relação desses lugares com o corpo, ele nos diz que: “[...] nessa dimensão, o corpo é condutor de lugares pela via da subjetividade, como é o caso dos migrantes internacionais, que se tornam nos lugares alhures, agenciadores da cultura que carregam na memória” (CHAVEIRO, 2014, p. 271). Vivendo em outros países, esses migrantes participam da vida cotidiana a partir dos seus costumes, hábitos e modos de sentir. Guiados pelas suas condutas culturais desenvolvidas anteriormente, que são nesse processo adaptadas e recriadas, nos mostram que as subjetividades estão “povoadas” pela vida dos lugares que carregamos enquanto corpo.

Guardamos tudo que vivemos, experimentamos e sentimos no corpo, que se expressa das mais variadas formas a partir desse arquivo. Coloco aqui em diálogo com Chaveiro o autor Castro Junior

(2010), que baseado em Vigarello (2000), também nos apresenta essa ideia do corpo como um arquivo, quando fomenta a questão do saber corporal dos africanos no processo de criação da capoeira, que veio na “bagagem” dos navios negreiros.

[...] as memórias gestuais do corpo-capoeira que revelam o saber corporal “arquivado no corpo”, uma memória que expressa as micropolíticas de desejo dos afro-descendentes que encontraram outros dispositivos para colocar seus saberes, seus sonhos, suas artes, e seus desejos em virtude da opressão sofrida” (CASTRO JUNIOR, 2010, p. 164, destaques no original).

Um corpo silenciado pela escravidão, mas que ao mesmo tempo, encontra passagem para outras formas de se comunicar. Segundo Muniz Sodré (1999, p. 185),

na tradição africana, o silêncio não é um simples ato deliberado, a decisão voluntária de uma subjetividade ilhada, mas uma espécie de pudor ontológico de um tipo de sujeito que, ciente da insuficiência da fala ou dos limites da comunicação discursiva, dá lugar a outra realidade, a do corpo. Silêncio não se define pela falta de algo, mas por outra realidade, situada antes e depois da palavra. É uma realidade que engendra a si mesma e apresenta-se à consciência ética na Arkhé como virtude fundamental.

Um discurso não verbal que da vazão para as agruras da alma, assim como, para manter sua própria integridade física e reexistir por meio de sua cultura, sua visão de mundo, seus valores e crenças, criando um corpo que oscila entre a luta e a brincadeira, entre o político e o poético, trazendo a tona o lugar do/no corpo. “Passa o corpo a falar e a salvaguardar a memória do grupo por meio de modulações gestuais referidas às formas de vida no tempo e no espaço de origem. Passa o corpo a constituir o saber da comunidade e a perfazer-se como arquivo e como arma” (TAVARES, 2012, p. 82). O pensamento de Tavares também estabelece um diálogo com a ideia de memória-

CORPO como LUGAR e ARQUIVO da EXPERIÊNCIA

Judivânia Maria Nunes Rodrigues

arquivo de Chaveiro, convergindo para afirmação desse corpo como um guardador de lugares.

O corpo aparece, assim, como o repertório de inúmeras experiências realizadas no cotidiano; como arquivo das informações que ficaram evidenciadas por intermédio dos gestos e dos movimentos corporais. É o corpo um arquivo não verbal e, por intermédio dele, a memória comunitária é recuperada, passando o corpo a falar e a salvaguardar a memória do grupo por intermédio das modulações gestuais, cuja elaboração foi possível (TAVARES, 2012, p. 83).

A partir desse arquivo, em terras brasileiras, se origina o corpo-capoeira que é uma expressão cultural em constante processo de recriação – como o próprio movimento, elemento essencial no jogo da capoeira – que se constitui entre a tradição e o contemporâneo. O corpo como elemento de produção e transmissão de saberes, passados de geração a geração, e nesse processo, ensina e perpetua seu lugar do mundo a partir desse próprio corpo, agora, afro-brasileiro.

FILOSOFANDO A PARTIR DE OUTRO ÂNGULO: O REDONDO DO MUNDO NO CORPO

“A filosofia é uma atitude. O corpo é uma potência para qualquer ato. O corpo é a base para qualquer atitude. Filosofia-se desde o corpo, não sobre o corpo. [...] O tempo e os espaços são corpo. [...] Não há atitude sem corpo. O corpo é o concreto da atitude. A atitude é o que coloca o corpo em movimento e o movimento é o que mantém o corpo vivo. Um corpo inerte é um corpo morto. A cultura dá movimento mesmos aos corpos inertes.”

Eduardo Oliveira (2006)

Pensar sobre as diferentes formas de existência é também pensar sobre como entendemos, sentimos e agimos no mundo. Neste

sentido, esse pensamento é filosófico. Sodré (2017), na sua obra *Pensar Nagô*, questiona a “etnização” da filosofia, que se atribuiu ao Ocidente sua origem. Ele aponta que o que realmente a filosofia oferece é a possibilidade de refletir sobre as questões fundamentais para pensar a existência humana, e dessa forma, centra suas produções num pensar ocidental, europeu, tendo sua origem na Grécia. Ele questiona dizendo que se a origem é única, único será o poder. “A filosofia é compreendida no Ocidente num sentido profundamente restritivo. É considerada uma pesquisa puramente intelectual e não uma maneira de viver” (SODRÉ, 2017, p. 12). Não podemos pensar diferentes formas de existência filosoficamente falando, a partir de uma única visão de mundo.

Isso é o que nos leva a compreender a insólita imagem de Fernando Pessoa sobre o Brasil: “O caso do Brasil é típico. Confirma [...] que os territórios sujeitos a excessos climáticos, como o calor intenso e a umidade excessiva, não são aptos a criar raças autóctones suscetíveis de civilização [...] a escravatura é lógica e legítima: um zulu ou um landim não representa coisa alguma de valor nesse mundo [...] o legítimo é obrigá-lo, visto que não é gente, a servir os fins da civilização”. A poesia de Pessoa é grandiosa e singular, mas essa ideia – apêndice de seu conceito de “imperialismo de expansão”, que distingue do “imperialismo de domínio” e o considera “normal” frente a povos “incivilizáveis” – poderia ser subscrita pela mentalidade nazista de décadas posteriores (SODRÉ, 2017, p. 14-15).

Seguindo esse raciocínio, a intenção não é desqualificar a produção filosófica existente, mas questionar a sua posição perante a diversidade cultural e existencial. O autor aponta que o conceito de África é geográfico e não metafísico. “Mas consideramos, como Nietzsche (em *Além do bem e do mal*), que a geografia é algo a se levar em conta a perspectiva de outros modos de pensar” (SODRÉ, 2017, p. 16). O autor apresenta o conceito de African Philosophy, desenvolvido por vários

professores de Filosofia africanos e afro-americanos, como um recurso para se trabalhar questões que envolvem o pensamento africano e da Diáspora Africana. Assim, a produção intelectual que emerge nesse sentido formula

[...] a hipótese de uma filosofia que começa na cozinha da casa em vez de nos desvãos celeste da metafísica. Outro modo de apresentar esse tópico é dizer que, quando a somatização do sagrado é maior do que a própria expressão verbal dos mitos, tem-se outra lógica, propriamente corporal, com outro sistema de pensamento conseqüentemente (SODRÉ, 2017, p. 21, destaques no original).

É nesse sentido que aqui propomos filosofar de outro ângulo, um pensar que está intrinsecamente relacionado com o corpo, um pensar a partir do corpo-capoeira.

Para tanto, não iremos aqui nos deter em aprofundar o conceito de African Philosophy ou propor uma densa análise sobre essa nova vertente que se apresenta no campo da filosofia, mas abordar a questão da filosofia a partir da cosmovisão africana. Essa cosmovisão é inerente ao jogo, à gestualidade e a roda de Capoeira Angola, a partir de uma filosofia afro-brasileira que pensa com o corpo. Antes de adentrarmos nessa proposta, vamos especificar, de forma breve, essa divisão existente na capoeira, que deu origem a diferentes vertentes que hoje denominamos de Capoeira Angola, Capoeira Regional e Capoeira Contemporânea. As duas primeiras vertentes são as mais conhecidas e disseminadas, inclusive acredito que seja devido ao fato de terem seus Mestres como referência no processo de disseminação da capoeira no Brasil e no mundo. A Capoeira Regional tem a figura do Mestre Bimba como referência, enquanto que a Capoeira Angola tem como uma das principais referências o Mestre Pastinha. Ambos oriundos da Bahia, onde viveram suas vidas com intensa dedicação a essa manifestação artística e cultural.

São muitas as especificidades que marcam a diferença entre a Capoeira Angola e a Capoeira Regional. Dentre diversos autores que nos trazem de várias formas essa diferenciação, Conceição nos fala de ambas as modalidades da capoeira, dizendo que “[...] a Capoeira Angola nos seus movimentos sensuais (tântricos) proporcionadores de uma visão cosmovisionária, ressignifica tal postura colonizadora etnocêntrica (eurocêntrica)” (CONCEIÇÃO, 2015, p. 276). Diz sobre a Capoeira Regional, que a mesma é uma recriação, a partir da Capoeira Angola, “[...]destinadamaiss precisamente aovigor físico, àscompetições olímpicas, distante dos conteúdos, princípios e paradigmas ecológicos corporais/ambientais que caracterizam a origem ancestral da Capoeira Banto (Angola)” (CONCEIÇÃO, 2015, p. 276). Diria ainda, paradigmas ecológicos corporais/ambientais/espirituais, corpo e espírito como um uno. Como praticante da Capoeira Angola, é sobre essa vertente da capoeira que versam minhas pesquisas.

A Capoeira Angola transmitida pela oralidade e perpetuada por séculos, apesar da intensa perseguição estatal, que outrora a criminalizou, não se rendeu e conseguiu se manter – hoje condecorada como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro – a partir de uma cosmovisão de mundo africana onde o princípio da ancestralidade teve um papel essencial na manutenção dessa prática. Oliveira (2007) diz que a filosofia africana está fundamentada no princípio da ancestralidade (tradição), da diversidade e da integração. A presença desses princípios pode ser observada a partir da estética ritual da capoeira, dos movimentos dos corpos, do respeito aos Mestres, dos grupos que se formam a partir da capoeira, da dinâmica da roda, entre outros elementos presente nesse jogo ritualizado.

A importância da oralidade na cultura africana estabelece o profundo respeito aos mais velhos que são os mantenedores da cultura, e por meio de suas experiências transmitem, ensinam e perpetuam a tradição, mesmo que com o constante movimento,

CORPO como LUGAR e ARQUIVO da EXPERIÊNCIA
Judivânia Maria Nunes Rodrigues

inerente aos processos culturais, que os recriam incessantemente, mas não os desconectam da tradição e da ancestralidade. “A via oral da comunicação é essencialmente corporal, desde que entendemos o corpo como um sopro em ação – respiração: hábito, atividade principal para o élan da vida” (TAVARES, 2012, p. 79).

Nas diferentes culturas o lugar se encontra arraigado no corpo, especialmente onde se tem a tradição oral como base de ensinamento, como é o caso da cultura africana e da sua recriação em terras brasileiras. Como nos diz Haesbaert (2004), estamos em constante movimento e toda desterritorialização, implica em reterritorialização, como foi o caso dos africanos no Brasil, que nesse novo contexto, de muita dor e opressão, mantiveram e mantêm com a força da ancestralidade existente nas suas culturas, levando em conta a diversidade cultural em África, as tradições e os saberes e fazeres inerentes ao próprio corpo. Aqui se miscigenaram com as culturas existentes, tanto indígena, quanto também a europeia, num processo sincrético, de onde surgem suas criações. Oliveira (2007) apresenta o lugar cultural africano como um lugar desterritorializado, diz que esse lugar tornou-se um entre-lugar¹, afirmando que o Brasil e todas as manifestações afro-brasileiras são assim, um entre-lugar, que conecta a história entre África e Brasil que se constitui também no entre de mazelas e belezas. Essas criações sempre estão conectadas a processos de resistência física, cultura, existencial e espiritual. Nesse sentido, Tavares (2012, p. 78) sintetiza quando diz que:

Da mistura criada, uma nova comunicação se foi estruturando, uma nova cultura se foi configurando: Afro-Diáspora ou Diáspora Africana. Acima de tudo, a identidade dessa cultura se constituía por intermédio de uma perspectiva de eterno retorno, de volta e de religação com o espaço perdido no tempo histórico colonial. Porém, uma vez estabelecida, mesmo que por imposição colonizatória, seus dispositivos caminhavam no sentido do reestabelecimento do cotidiano e do “presente vivido”, significante do seu “ser-estar no mundo” e da comunidade de

onde foi sequestrado, amalgamando a cultura do presente com a cultura da tradição. Simultaneamente, esta cultura estava no limite entre a modernidade colonial e a tradição escravista.

Nesta profunda conexão com o seu “ser-estar no mundo” o africano cria a capoeira no Brasil, um jogo ritualizado, que através dos corpos nos possibilita muitas leituras, “o texto do corpo” nos apresentando sobre um lugar do mundo e também desse entre-lugar, que concomitante, nesse processo de colonização, vai se constituindo. A prática da Capoeira Angola implica em muitas possibilidades de leitura da mesma. Aqui, iremos fazer uma reflexão sobre a gestualidade no jogo, que inclui os movimentos corporais, a musicalização e a roda, e a relação destes com os princípios da filosofia africana, a ancestralidade (tradição), a diversidade e a integração, que se fazem presente nessa prática. Não apenas faço essa relação a partir das pesquisas bibliográficas realizadas, mas as seleciono a partir do que sinto em meu próprio corpo enquanto capoeirista, angoleira¹, por meio do saber da experiência presente nessa manifestação.

O culto e o respeito aos mestres nos processos de ensino e aprendizagem da Capoeira Angola é um dos pilares de sustentação dessa prática, ou seja, o princípio da ancestralidade. O Mestre Pastinha (1889-1981) é uma das principais referências nesse processo, que nos deixou profundas lições enquanto um “intelectual popular” que era, produzindo os manuscritos sobre a Capoeira Angola. Um dos seus maiores ensinamentos foi trazer para o universo da capoeira o lúdico, a brincadeira e o respeito pelo espaço corpóreo do outro, desmistificando a atribuição da violência ao negro e enfatizando um modo de ser africano que preza pelo respeito ao outro, pois eu e o outro somos indissociáveis, parte do todo nesse modo de pensar o mundo. A situação de tamanha opressão, como foi o período escravocrata brasileiro, transformou esse corpo negro em arma, para assim, tentar

CORPO como LUGAR e ARQUIVO da EXPERIÊNCIA
Judivânia Maria Nunes Rodrigues

conseguir se manter vivo no seu corpo e modo de existir. Por isso, é importante se conhecer profundamente o saber da capoeira para que ela não mais seja estereotipada ou associada à violência, mas sim portadora de ensinamentos carregados de humanidade. Sobre Mestre Pastinha, o referido autor diz que:

Este mestre se preocupava com a libertação mental e espiritual dos capoeiristas das “garras da escravidão” geradas pela ignorância. Segundo ele, a ignorância sobre si mesmo e sua história levava o capoeirista a usar violência contra seus camaradas no jogo, o que atentava contra a sobrevivência da capoeira e da própria comunidade (NOGUEIRA, 2015, p. 287).

Nesta perspectiva, a construção do saber da Capoeira Angola vai sendo transmitida por esse Mestre e os angoleiros, contemporâneos dele, como Mestre Cobrinha Verde, Mestre Traíra, Mestre Waldemar, entre outros homens do povo, imbuídos da missão de manter essa prática, de manter a cultura de um lugar do mundo, numa condução que nos conecta com o saber ancestral africano. “A história dos ancestrais africanos permanece inscrita nos corpos dos afrodescendentes. É preciso ler o texto do corpo para vislumbrar a cosmovisão que dá sentido à história dos africanos e afrodescendentes espalhados pelo planeta” (OLIVEIRA, 2007, p. 99).

A capoeira ensina com e através do corpo, quando o Mestre Pastinha exercita, através dessa prática, o respeito ao corpo do outro. Um dos princípios da Capoeira Angola é não tocar o corpo do outro, mas apenas advertir “o camarada” sobre o perigo imanente que nos ocorre na roda de capoeira constantemente, assim como na vida, a roda de capoeira como alusão a roda da vida, um jogo que nos ensina a ser dentro e fora da roda, trazendo uma ética dos corpos. Na Capoeira Angola o desafio maior é jogar com o outro e não contra o outro, nos apresentando “o corpo como um vestígio dos valores civilizatórios do

grupo que nele escreve e nele se reconhece. O corpo social é a extensão do corpo individual” (OLIVEIRA, 2007, p. 122). O princípio filosófico africano da integração, que fomenta a questão da não separação entre os elementos que constituem o nosso planeta. Somos um todo e estamos interligados, não havendo a separação, por exemplo, entre homem e natureza. Esse princípio também não é visto de forma compartimentada, mas analisado sempre em conjunto, entrelaçados com os princípios da ancestralidade e diversidade.

Os princípios da integração e da diversidade se fazem muito presentes na capoeira, através da dinâmica da roda e do processo de ensino-aprendizagem, pois é sempre um fazer coletivo que acolhe o que o outro tem de melhor para oferecer, seja na movimentação, no toque dos instrumentos ou no canto. Nessa diversidade, se produz a energia e o desejo para que a roda, síntese de todo o processo da capoeira, aconteça. Essa manifestação nunca depende de uma única pessoa, mas de um grupo, a diversidade que forma uma unidade, onde o conjunto só ganha destaque a partir do fazer de cada um, dentro das suas possibilidades e da interação entre todos. É uma prática artístico-cultural que mesmo tendo a figura do Mestre ou professor na condução do grupo, depende de cada integrante, da energia de cada um.

Energia dos corpos, que nesse jogo é sentida e trocada com os demais. “A peleja dos corpos em jogo revela um conjunto de “gestos dramáticos” que, além de iluminar singularmente a disputa no qual os jogadores têm a chance da “vitória” ou da “derrota”, criam novas situações motoras que formam afectos e perceptos” (CASTRO JUNIOR, 2017, p. 189). Os afectos e perceptos são sentidos pela proximidade dos corpos que, nesse movimento sente o outro. Podemos sentir quando estamos jogando com o outro e também quando estamos jogando contra o outro, a atitude do corpo revela, aqui não é necessário bater e machucar para “vencer”, se isso acontece, é uma escolha. Uma

CORPO como LUGAR e ARQUIVO da EXPERIÊNCIA
Judivânia Maria Nunes Rodrigues

comunhão de corpos que, como em grande parte das manifestações afro-brasileiras, acontece no espaço circular. Estética presente no cotidiano africano, onde se concentram as forças ancestrais que embalam o ritmo da música, o qual se materializa através dos corpos. Essa circularidade, segundo Castro Junior (2017), está presente não só na formação da roda de capoeira como no próprio corpo, nos movimentos, como é possível observar nos desenhos do artista Carybé.

Segundo o autor, Carybé é um dos artistas cuja obra aumentou o campo de visibilidade da capoeira baiana, ajudando a representar essa manifestação a partir da imagem, valorizando o popular enquanto potência humana. “[...] os desenhos de Carybé funcionam como dispositivo no qual estão guardadas as formas do corpo-capoeira produzir a sua arte de dobrar-se e desdobrar-se, de inversão e de circularidade presente nos movimentos” (CASTRO JUNIOR, 2017, p. 175).

Essa forma circular de grande presença na cultura africana, a partir dos seus rituais, movimentos do corpo e outras práticas cotidianas, me conduziram a fenomenologia do redondo na obra “A Poética do Espaço”, Bachelard (2008), que formula metaforicamente, a partir de questionamentos sobre os estudos fenomenológicos, a forma esférica, o redondo presente nas coisas. O autor inicia o texto com três citações que dizem de diferentes formas que a vida é redonda, uma delas do artista Van Gogh, onde ele diz: “A vida é provavelmente redonda” (apud BACHELARD, 2008, p. 235, destaques no original). Tomo de empréstimo a frase do artista nessa associação com o pensamento da circularidade presente nos rituais e no próprio corpo africano. Esse corpo que, a partir de gestos/posturas resiste à imposição corporal europeia, com posturas eretas, que privilegiam os membros superiores em detrimento dos inferiores, e nos distancia da nossa “porção animal”, que para os africanos, assim como para os indígenas, não faziam o menor sentido, pois a vivência dos mesmos com a natureza constituiu outra forma de pensar/sentir o mundo que se traduz a partir do corpo, por exemplo, na poesia do corpo-capoeira.

Vários mestres de Capoeira Angola são categóricos ao afirmarem que os movimentos da capoeira vêm dos animais. Em entrevista realizada com o Mestre João Grande, um dos discípulos do Mestre Pastinha e um dos mais antigos angoleiros ainda em atividade, ele faz essa afirmação. “Vem dos bichos, dos animais. Das aves, tudo que se move em cima dessa terra é capoeira. O candomblé, o samba, o maculelê, tudo saiu da Capoeira Angola, mas a maioria das pessoas não faz pesquisa. Com um pé de mato você pode gingar, é tudo com a natureza” (GRANDE, 2016). Na fala do Mestre está presente à relação com a natureza, que é uma herança africana. “No caso da capoeira, o saber corporal



Figura 1 – Carybé
Fonte: Motta (2015)

é influenciado por uma cosmovisão que considera os animais e vegetais e a natureza como parte integrante da sua vida” (CASTRO JUNIOR, 2017, p. 192). Contribuindo para esse pensamento, esse modo de existir, Oliveira (2006) através de suas pesquisas afirma que em várias sociedades africanas – dentre elas, ele se detém em três grandes Impérios Africanos que se formaram entre o século X e XV de nossa era, são

eles: Gana, Mali e Songai, todos localizados entre o Saara e o Sahel – não existe dualidade entre homem e natureza, existe uma interligação, onde tudo interage com tudo, se tornando um uno.

Os diversos gestos e posturas da capoeira revela no corpo essa forma de existir no mundo, apresentando uma relação de proximidade com a natureza. O sistema capitalista nos fez aprofundar essa relação que separa homem e natureza, usando-a de forma inconsequente, como se a ela não pertencêssemos, descartando o princípio da integração, presente no modo de existir africano. Esse corpo que tem essa íntima relação com a natureza aparece e se deixa transparecer nesse jogo. “Ele cria sua própria arte de mandingar, uma arte do corpo que seduz o parceiro-ponente enganando-o, e cuja tônica da tapeação revela o saber camuflar, o saber driblar e o saber dar o bote” (CASTRO JUNIOR, 2017, p. 180). Uma forma de se mover que nos conecta com essa porção animal presente na natureza e no nosso corporal.

Esse corpo que ginga, que brinca, que luta e que dança é dotado de outros saberes e valores, que a partir do próprio corpo consegue resistir, consegue encontrar uma forma de se relacionar com a brutal privação de não poder estar no seu lugar, encontrando alento na memória e nas lembranças cravadas nesse corpo. “É o lugar experienciado como aconchego que levamos dentro de nós” (OLIVEIRA, 2014, p. 15). O aconchego do lugar, o redondo da vida no corpo, as relações de sentido, nos faz tomar novamente de empréstimo as palavras de Bachelard, que aqui ganham sentido próprio e poético. “[...] As imagens da redondeza plena nos ajudam a nos congregarmos em nós mesmos, a nos dar a nós mesmos uma primeira constituição, a afirmar nosso ser intimamente, pelo interior” (BACHELARD, 2008, p. 237, destaques no original). Esse redondo do (no) corpo-capoeira como uma forma de viver o lugar, como encontrar dentro si seu lugar, e conseguir, através do corpo, poetizá-lo, politizá-lo e eternizá-lo.

O SAGRADO INVERTIDO E EXPRESSO NO CORPO: DA TERRA AO CÉU

Quando chego no terreiro
Quando chego no terreiro
Trato logo de louvar
Louvo a Deus primeiramente
Louvo meu pai Oxalá
E a rainha do mar
Peço licença Deus de Angola
Me dê o salão para eu vadiar
Camará
Lê viva meu Deus!...

Mestre João Grande²

A ladainha é o canto que abre a roda da Capoeira Angola. Essa, citada acima, é de autoria do Mestre João Grande. Esse canto é a força e a energia que inicia a roda. Corpos agachados ao pé do berimbau pedem proteção e se lançam no jogo, fazendo da roda, como considerou Castro Junior (2017), uma microfísica do desejo, que tem relação com a vontade e o prazer de jogar a capoeira, onde os capoeiras podem colocar os saberes ancorados no corpo. Ao iniciar a roda de forma ritualística, é possível sentir a dimensão do sagrado nessa prática. Esse sagrado tem relação direta com o princípio da ancestralidade, do respeito aos que aqui passaram e resistiram de forma muito árdua para perpetuar a capoeira, cabendo aos praticantes que aqui estão, zelar e levar esse legado adiante.

Na roda da capoeira os corpos fazem uma espécie de comunhão e celebração da vida, onde os elementos estão interligados, o que traz o caráter de brincadeira, de alegria, de beleza, de dança, mas também

² Ladainha de autoria do Mestre João Grande. Ladainha é o canto que abre a roda da Capoeira Angola. Primeiro canta-se a ladainha, o Mestre que está tocando o berimbau Gunga, depois ele faz a louvação, onde o coro responde, e daí entra o corrido, a cantiga que manda os jogadores iniciar a roda, o jogo.

de luta, das “sombras da alma” e dos diversos sentimentos que fazem parte da natureza humana, onde podemos, enquanto capoeiristas, senti-los e escolhermos por onde ir, assim como na roda, na vida. Somos um misto de diversas emoções e atitudes que se manifestam através dos corpos. Capoeira como uma prática em constante diálogo com a vida, nos ensinando a lidar com as emoções, com o nosso próprio corpo/espírito e com o do outro. “A roda de Capoeira Angola bem entendeu o funcionamento do simulacro como cultura. É o tempo todo um jogo de simulação que exige o tempo todo a ritualização do mundo e a teatralização do viver” (OLIVEIRA, 2006, p. 143). Nesse jogo, o autor diz que a cultura é esculpida nos corpos, um modo de existir representado pelo corpo.

Na cosmovisão africana, segundo Oliveira (2006), o universo esta prene do sagrado, de forma que não podemos tocar em nenhum elemento da vida sem que todos os demais sejam afetados. O mundo natural e o social formam um uno, onde o bem estar de um, depende do bem estar do outro. Esse pensamento também se faz presente na relação indivíduo versus sociedade. O indivíduo nessa cosmovisão é fruto e reflexo da sociedade, onde a ideia de pessoa não é vista apenas de forma individual, mas como uma construção coletiva. Essa relação também perpassa pelos grupos de capoeira e pela própria estrutura da roda, um fazer coletivo, de troca, de relação, de valorização da diversidade e interação.

O sagrado na Capoeira Angola também se manifesta na relação do corpo com o chão, com o salão, com a terra, com o terreiro da capoeira. Reis (1997) reforça a ideia de circularidade dos movimentos da capoeira presentes no corpo, e diz compor assim, a própria roda. Ela nos diz que essa circularidade presente nos movimentos propicia a alternância entre o baixo e o alto corporal, ou seja, ora estamos em cima, ora estamos embaixo no jogo da capoeira. Na Capoeira Angola

o baixo corporal é privilegiado, a relação de proximidade com o chão é constante. “Nesse privilegiamento do baixo corporal na capoeira, certas partes do corpo ganham um novo uso, o que desencadeia o riso. Há uma inversão brincalhona que torna as mãos o apoio do corpo e deixa os pés livres para agir [...]” (REIS, 1997, p. 226). A autora diz que essa renovação rica de sentido provoca o riso, e o mesmo domina o medo e subverte a ordem estabelecida, pois o humor desafia e desestrutura a hierarquia realizando uma inversão. Oliveira (2006, p. 160) nos apresenta de forma assertiva sobre esse corpo-capoeira quando diz que

nessa hora o homem franzino e leve transfigura-se. Atira longe o seu feltro chamorro, seu manto de saragoça e, aos saltos, como um símeo, com um gato, corre, recua, avança e rodopia, ágil, astuto, cauto e decidido. Nesse manejo inopinado e célebre, a criatura é um ser que não se toca, ou não se pega, um fluido, o imponderável. Pensamento relâmpago. Surge e desaparece. Mostra-se de novo e logo se tresmalha. Toda sua força reside nesta destreza elástica que assombra e diante da qual o tardo europeu vacila e, atônito, o africano se trastroca.

Nesse movimento o corpo transgride, inverte a posição ereta cotidiana que estamos habituados e se permite exhibir/experimentar outras posturas, não se rendendo a imposição corporal europeia, que aqui no Brasil tenta fazer o corpo indígena e africano entrar em uma “forma perversa” que não os cabe na sua forma de existir. Um jogo onde o corpo se inverte, segundo Reis (1997), uma forma simbólica de inverter a ordem social, pois nesse forma invertida de mundo, o corpo conquista autonomia sobre o gesto, subvertendo a proposta de corpos dóceis (FOUCAULT, 1987) e mecanizados, e dessa forma, não se tornam subalternos a cultura do colonizador.

O corpo é a única “arma” que não foi retirada do africano e é nele que reside toda a força do lugar. Nessa inversão de corpos que

CORPO como LUGAR e ARQUIVO da EXPERIÊNCIA
Judivânia Maria Nunes Rodrigues

congrega agilidade, força e leveza, a beleza plástica se faz e se desfaz no fugaz dos movimentos. Beleza que vai além da estética corporal, que emerge os valores do lugar, do corpo-lugar, das experiências vividas, imersas na cultural ancestral. Nesse sentido, voltamos a Reis (1997), quando diz que a inversão do corpo e a relação com o chão da capoeira esta diretamente relacionada com o sagrado. Ela nomeia essa relação do corpo com o chão como

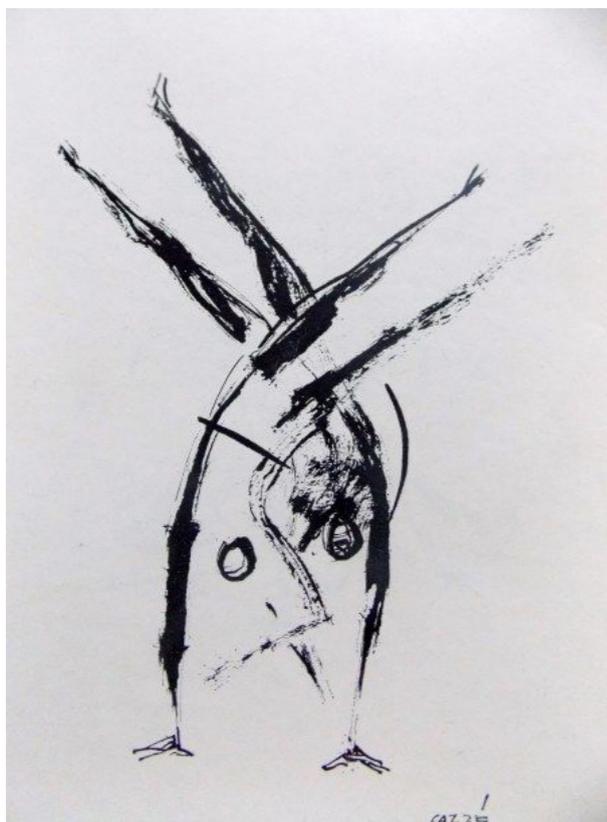


Figura 2 – Carybé
Fonte: Capoeira (2020).

“o baixo corporal e espiritual da capoeira”, alegando que o sagrado para a cultura africana se localiza na terra, o inverso da cultura judaico-cristã, onde o céu é o símbolo do sagrado.

Tuan (2013) nos coloca que um pensamento preconceituoso sobre a ideia de cosmos foi construído ao longo da história no mundo, a partir do posicionamento direita/esquerda, o que possibilita uma reflexão sobre o que foi apresentado aqui em relação à capoeira. Ele diz que no espaço cosmológico a direita simboliza o que esta no alto, o mundo superior e a esquerda com o baixo mundo, a terra. “Cristo, em telas do Juízo Final, tem sua mão direita levantada apontando para a região luminosa para o Céu e sua mão esquerda apontando para o baixo, para a escuridão do Inferno” (TUAN, 2013, p. 59). Seguindo esse raciocínio, coloco em diálogo Reis (1997) e o autor Castro Junior (2010, p. 192), que converge para a reflexão desse pensamento sobre a representação corporal quando diz que

Na capoeira, inverter o corpo é uma duplagem, pois esse corpo não só corre o risco de um ataque-surpresa do seu parceiro como na procura constante de achá-lo, mas, também, revela uma alegria de poder fazer movimentos que desafiam as leis da gravidade e mostrar, para o outro, a sua habilidade em manejar o corpo; esse simples gesto implica a possibilidade de contrapor a ordem dos modos costumeiros de uma sociedade que impõe padrões de corpo arqueado sempre para o alto à procura da salvação.

Pensamento que discriminou e segue discriminando outras formas de crença e de existência, como foi o caso dos africanos aqui no Brasil. O corpo, no jogo da capoeira, desconstrói esse pensamento e nos apresenta outra forma de crença, de sagrado. Pensa metaforicamente e literalmente o mundo de pernas para o ar. Inverte a lógica, nos fazendo ir do céu a terra na dimensão do sagrado, nos apresentando um corpo pensante, que expressa sua existência e seu lugar do (no)mundo.

COMENTÁRIOS CONCLUSIVOS

Para pensar sobre o corpo como representação cultural, aqui o corpo afro-brasileiro, é necessário pensá-lo historicamente e existencialmente, de forma política, ética e poética. Pensar em corpos oprimidos e resistentes, que nesse incessante movimento de tentar (sobre) viver cria diversas estratégias com e através dos corpos que, silenciados por um lado, “explodem” por outro de forma

CORPO como LUGAR e ARQUIVO da EXPERIÊNCIA
Judivânia Maria Nunes Rodrigues

expressiva, artística e política, que nos instiga a refletir sobre qual o lugar desse corpo negro na nossa sociedade que congrega Brasil e África.

Quando apresento os princípios da filosofia africana, a partir de Oliveira (2006), como elementos presentes na Capoeira Angola, se faz necessário termos clareza que esses princípios foram fundamentais para organização social, política e cultural de sociedades africanas, mas ao mesmo tempo, ao longo do tempo, sofreram modificações e rupturas. Mesmo diante desse processo de transformação, os africanos não perderam o elo com esses princípios e nem com seu lugar de origem, recriando e preservando essa cosmovisão em um constante movimento de atualização. Nesse diálogo entre a tradição e o presente, conseguem se manter em sua essência, cultural/espiritual/corporal, pelo mundo depois da Diáspora Negra. Deixa um rastro, nos próprios corpos, que nos revela e ensina sobre um lugar do mundo. Sobre o respeito pela diversidade, tornando-se um “grito do corpo” pelo reconhecimento de diferentes existências que carregam suas espacialidades, suas diversas formas de conceber a vida, criar e recriar, nos apresentando mundos diversos.

Assumem outras gestualidades/atitudes, a partir de uma maneira particular de pensar a existência, que provem de outra lógica, que se apresenta como uma antiestrutura ao sistema vigente, questionando valores e relações excludentes que permeiam nossos cotidianos, nos possibilitando outras formas de relação.

Lévi-Strauss na introdução que faz a obra de Marcel Mauss, diz que “[...] os gestos, em sua aparência insignificantes, transmitidos de geração a geração, protegidos por sua própria insignificância, frequentemente testemunham muito mais do que jazidas arqueológicas ou monumentos figurados” (LÉVI-STRAUSS, 1974, p. 5). Neste sentido são os gestos/movimentos do corpo da cultura negra, que falam de escravidão, de luta por libertação, de subjetividades e existências, que

ganharam força nas diversas formas das mais variadas manifestações da cultura afro-brasileira, em particular aqui a Capoeira Angola, que ultrapassando as fronteiras, ecoou o “texto desses corpos” em todos os continentes. Uma prática que desperta curiosidade pelo mistério que carrega, pelo sentir no corpo o sagrado que está presente, convivendo com o profano, com a história, com a luta, com a vida, com a beleza e ludicidade de corpos brincantes, que se encontram e se comunicam através do corpo, formando comunidades de corpos-capoeira que pensam e partilham uma visão de mundo, uma filosofia difundida pelos velhos mestres da cultura popular, guardiões dos saberes da capoeira, que perpetuam saberes de um corpo-lugar. Um jogo que nos desafia a jogar com o outro e não contra o outro, questionando o pensamento vigente, de uma sociedade constituída pela competitividade.

Os gestos/movimentos de um lugar do mundo que hoje se encontram presente no meu próprio corpo, por meio do saber da experiência com esses mestres, e que me instigaram nesse percurso a buscar, através da pesquisa, qual o lugar desse corpo que brinca, que ginga, que dança, que luta, e que hoje, afro-brasileiro, encanta pessoas do mundo inteiro através da sua gestualidade. A beleza plástica de corpos que se manifestam emergindo lugares a partir de seus movimentos, de suas criações e expressões, que conseguem nessa inversão corporal/espiritual, desafiar a ordem vigente, mostrando a potência da cultura, na intenção de colocar em pauta, o passado, o presente e o futuro de um corpo diaspórico, que continua tendo que se reinventar, resistir e (re)existir. ☺

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2001.

CAPOEIRA Angola desenhos de Caribé. **Jornal do Porão**, Blog. Disponível em: <https://jornaldoporaio.wordpress.com/2012/08/02/capoeira-angola-desenhos-de-caribe/capoeira-angola-de-waldeloir-rego-des-caribe-6/>. Acesso em: 04 de agosto de 2020.

CASTRO JUNIOR, Luís V. **Campos de visibilidade da capoeira baiana: as festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1955-1985)**. Brasília: Ministério do Esporte, 2010.

CHAVEIRO, Eguimar. Corporeidade e Lugar: elos da produção da existência. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014.

CONCEIÇÃO, Jorge de Souza. Mestre Pastinha e Bimba: Capoeira, Filosofia Ancestral Banto. In: FREITAS, Joseania M. (Org.). **Uma Coleção Biográfica – Os Mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA**. Salvador: Edufba, 2015.

FREIRE, João B. **De Corpo e Alma**: discurso da motricidade. São Paulo: Summus, 1991.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

GRANDE, Mestre J. Entrevista concedida a Judivânia Maria Nunes Rodrigues. São Paulo, 30 de abril de 2016.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. v. 1. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MOTTA, Regina. CARYBÉ – pequeno peixe amazônico. **Blog da Célia e Companhia**, 9 de maio de 2015. Disponível em: <http://cleaacia.com.br/de-arte-e-de-artistas/carybe-pequeno-peixe-amazonico/#lightbox/1/>. Acesso em: 04 de agosto de 2020.

NOGUEIRA, Simone G. Capoeira Angola de Pastinha: análise do princípio cultural à luz da Psicologia Africana. In: FREITAS, Joseania M. (Org.). **Uma Coleção Biográfica – Os Mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA**. Salvador: Edufba, 2015.

OLIVEIRA, Eduardo. **Filosofia da Ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Gráfica e Editora Popular, 2007.

OLIVEIRA, Eduardo. **Cosmovisão Africana no Brasil**: elementos para uma filosofia afrodescendente. Curitiba: Gráfica e Editora Popular, 2006.

OLIVEIRA, Lívia. O Sentido de Lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014.

REIS, Letícia Vidor de S. **O mundo de pernas para o ar – a capoeira no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

TAVARES, Júlio Cesar de. **Dança de guerra – arquivo e arma**: elementos para uma Teoria da Capoeiragem e da Comunicação Corporal Afro-brasileira. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

VIGARELLO, George. O corpo inscrito na história: imagens de um “arquivo vivo”. Entrevista concedida a Denise Bernuzzi Sant’Anna. Projeto História, Revista do programa de Estudos de Pós-graduação em História do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo, n.21, Nov. 2000.

Submetido em Outubro de 2019.

Aceito em Março de 2020.